

Geopoesia da boa morte: a flâneuse Cora Coralina pelas ruas da tanatografia

Good death geopoetry: the flâneuse Cora Coralina through the streets of thanatography

Augusto Rodrigues da Silva Junior¹

Resumo

*A relação entre a escrita e a voz, a criação arquitetônica da autoria e personagens (tenham existido ou não), movimentam-se dinamicamente no processo criativo da geopoesia. Esse artigo perscruta as relações dialógicas entre literaturas invisíveis aos centros culturalmente hegemônicos e aquelas que ficaram num limbo editorial – entre a página de jornal e o esquecimento, no longe do mar altiplano. O poema *Quem foi ela*, de Cora Coralina (1965), reside justamente nessa condição: falado ao pé do túmulo, publicado em jornal, guardado em arquivo. Aproximando geopoesia e tanatografia, ao analisar esse in-editio, o objetivo desse trabalho é etnocartografar a movimentação cultural e performática nos campos gerais da poetiza de Goiás. Mais especificamente, como o cerrado/sertão/campo geral do país, com vistas a constituir uma ou várias poéticas populares centroestinas, se consolidam nessa literatura campo. Nos deslocamentos, na presença de transeuntes e na memória oral conjugam-se manifestações particulares, posições volitivo-vitais e etnoflâneries. Nesse poema, especificamente, forças femininas povoam várias camadas da “fonte histórica”, da relação entre literatura e experiência urbana e da escrita de morte em um poema-necrológico.*

Palavras-chave: Cora Coralina. Geopoesia. Tanatografia. flâneuse

Abstract

*The writing and voice relation, the architectural creation of authorship and characters (whether they existed or not), moves dynamically in geopoetry creative process. This article investigates the dialogical relation between invisible literatures to culturally hegemonic centers and those that knew an editorial limbo - between the newspaper page and oblivion, far from the high seas. The poem *Quem foi ela*, by Cora Coralina (1965), is precisely in this condition: spoken in the grave, published in a newspaper, kept on file. Approaching geopoetry and tanatography, when analyzing this in-editio, the aim of this paper is to etnomap the cultural and performance movement in the general fields of the Goiás poet, more specifically. How the cerrado/sertão/campo geral of the country, in order to group one or many centroestinas popular poetics, are consolidated in this literature field. In displacements, in the presence of the pedestrians and in oral memory, particular manifestations, vital positions and etnoflâneries are combined. In this poem, specifically, female windows are in several layers of the “historical source”, of the relation between literature and urban experience and writing of death in a necrological poem.*

Keywords: Cora Coralina. Geopoetry. Tanatography. flâneuse

Recebido em: 18/10/2020

Aceito em: 03/12/2020

¹ Professor Associado de Literatura Brasileira da Universidade de Brasília. Membro permanente do Programa de Pós-graduação em Literatura e Práticas Sociais (Poslit/UnB). Coordenador da Cátedra Agostinho da Silva (UnB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6780-9731>.

Introdução

Cora Coralina publicou seu primeiro livro em 1965. Editado pela editora José Olympio, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, tornou-se um marco na história da geopoesia goiana. A poetiza já estava com idade avançada, mas essa façanha muda completamente seu patamar literário e a leva, anos depois, ao reconhecimento de sua produção como um paradigma para a literatura brasileira. Tendo isso como pressuposto, nosso objetivo é investigar o literário (e não tão somente a literatura) por meio do exercício de crítica polifônica e analisar um poema-necrológio que *saiu* em periódico: *Quem foi ela*, 1965.

Em diálogo com poéticas despontadas no Cerrado, na sua extensão centroestina do país, tem sido um esforço ouvir as vozes populares, que se experimentam em performances culturais e artísticas. Analisar prosódias, canções, rastros e metáforas das artes desse centro cerratense em suas mais diversas manifestações, pelos campos gerais e pelas pequenas *varedas*, é evocar um fazer artístico “[...] que vêm movimentando a cultura, a educação e a humanidade da gente goiana, tão *coralina*” (MEDEIROS et al., 2018, p. 14). O desafio é mostrar, ao longo prazo, que Cora Coralina faz parte de um grande movimento de escritores e escritoras, vozes populares e foliões que ainda lutam por ter suas histórias e composições biográficas contadas e cantadas.

Forças do literário que partem de espaços plurais, participam das dinâmicas inacabadas da cultura popular e que se disseminam numa *estética da criação literária* que perscruta *vocalidades* e *folclores*. Se [...] “o ponto de vista histórico é um dos modos legítimos de estudar literatura” (CANDIDO, 1993, p. 29), a criação literária, própria do livro impresso, e de tudo aquilo que é *verbalizado* e corporificado em manifestações artísticas [...] devem ser incorporadas ao patrimônio de uma civilização (CANDIDO, 1993, p. 29). Pulsante e engajada a poética cerradeira que a geopoesia de Cora Coralina assinou, deixou nas marcas do tempo e no chão de ruas e becos de Goiás, elementos de um “matrimônio imaterial”. Efetivando-se o movimento de interiorização do país e alocando-se em espaço não-litorâneo, seu reconhecimento e publicações, permitam recontar a história da literatura brasileira – que continua em formação. Cora Coralina por outros caminhos nos leva por outras tropas e boiadas, por história de capitais migrantes e seres ruminantes.

Que que é a geopoesia?

Os “dramas, campos” (Turner) e *habitus* (Mauss) que conjugam as poéticas do cerrado e as expressões pulsantes das literaturas de campo ainda buscam seu direito a um lugar na história. Entendemos Coralina como uma guia e bastião desse processo. Perscruta-se, portanto, debater e apontar índices que deflagrem a atualidade viva e o inacabamento de uma literatura brasileira em constante *formação* (citação responsiva ao legado pensamental de Antonio Candido). Portanto, este exercício de crítica polifônica abre espaço para a geopoesia – localizada e, por isso mesmo, invisível – num mapa para-além dos mapas topográficos e compendiados do cânone. Arte e geografia, na sua condição mais ampla da territorialidade, se fundem para compor essa teoria do literário (e não exatamente da literatura). Nosso intuito é consolidar uma teoria do centro (marginal) que possa organizar-se em rede e que, ainda, possa estabelecer aproximações com os outros polos hegemônicos do país:

[...] o pensamento da Literatura de Campo produz, compila, repensa e co-participa da recepção brasileira que apresenta o seguinte paradoxo:

consideráveis tiragens de obras consagradas, o conhecimento quase incipiente das variantes populares e orais e uma história da Literatura contada a partir do Litoral e do Sul-Sudeste do país. A expressão Literatura de Campo performa a seguinte percepção: a Literatura Brasileira continua em *formação*. E, ao partir desta perspectiva pretendemos dinamizar os modos de representação das culturas populares e popularizadas, bem como os modos menos canonizados da expressão cultural. Trata-se, na verdade, de valorizar, no mesmo grau, as manifestações escritas e orais produzidas em comunidades urbanas e rurais, ágrafas, semi-ágrafas, letradas, quirográficas, editoriais etc. (SILVA JR, 2013, p. 8).

A geopoesia se lança como arena, sobretudo, para reflexão e difusão de poéticas históricas e sistematicamente silenciadas. Nas literaturas do interior, de comunidades quilombolas, de resistências indígenas, de ambientes rurais ou de pequenas cidades, capta-se tudo aquilo que ecoa por festejos, romarias, cantorias e manifestações híbridas de *religiosismos* carnavalizados.

Essas inquietudes, na observação do literário e do popular, partem de investigadores brasileiros da cultura (Darcy Ribeiro, Sérgio Buarque de Holanda, Carlos Rodrigues Brandão, Hermilo Borba Filho, Paulo Bezerra, João Gabriel Teixeira, Willi Bolle, dentre outros). E amplia o diálogo com figura que celebra o aspecto *carnavalizado* da vida ordinária: Mikhail Bakhtin, em *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais* (BAKHTIN, 2006) e a compreensão do “ativismo” que entende a ação intensa e *fazedora* ação do sujeito. Do conjunto inumerável de trechos que constituem um livro de registro da história, do qual irrompe uma poética do ensaio, na virtude quase aurática do saber, confiando no direito à arte e à escrita como alavanca principal de transformação do indivíduo. Escrever sobre esse fazer é responder à experiência, no sentido benjaminiano, e à ideia de que ninguém ainda disse a última palavra, como destaca Mikhail Bakhtin.

O narrador e poeta tradicionais, em diálogo com Benjamin, realizam-se no valor estético da literatura de campo. Em pluralidade e inacabamento, acionam entendimentos de culturas em trânsito, em transe, e lutam por uma pedagogia do transe. Ainda, com Walter Benjamin, no percurso ensaísta das *Passagens*, encontramos, em essência, essa posição análoga na coletividade da geopoesia.

Como um sistema, enquanto movimento de análise e produção, essa dinâmica da etnoflânerie incide sobre textos e vozes, personagens e narradores que realizaram retratos do Brasil. Para sistematizar as raízes, os rizomas e as raizamas que organizam esse discurso, apresentaremos autores que edificaram essa plataforma de uma história a ser lida e contada. Compendo *etnocartografias* apontamos vertentes da literatura de campo e suas variantes que viemos estudando ao longo dos anos: a. *etnoflâneurs* da estilização: Afonso Arinos, Euclides da Cunha e Hugo de Carvalho Ramos, com destaque para este último (autor goiano da inaugural “narrativa de campo”, *Tropas e boiadas*); b. *etnoflâneurs* dos narradores: Graciliano Ramos, Guimarães Rosa e José J. Veiga, com destaque para o último (romancista e contista goiano); c. *etnoflâneurs* poéticos: Manoel de Barros, Cora Coralina e José Godoy Garcia, com destaque para o último (poeta goiano-brasiliense).

Essas passagens da geopoesia, que se constituem em tantas variantes, contêm biografias coletivas porque residem na responsabilidade:

Numa região, formada por sertão e cerrado, uma área específica enreda-se pelos Estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás e Tocantins (um Brasil

Central, brasis sem-mar). Percorrendo rizomas culturais e raízes poéticas desta localidade inventada é possível delinear processos inovadores na zona de influência da capital atual – Brasília. Índices e expressões aproximam ética e esteticamente os imaginários luso-católico, afro-brasileiro, indígena-sertanejo-cerradeiro numa tradição de escritores que peregrinaram por veredas e niemares para compor suas obras. Destacam-se: num primeiro momento, Anchieta e Vieira; num segundo: Hugo de Carvalho Ramos e Mário de Andrade; e, finalmente: José Godoy Garcia e Guimarães Rosa. Assim, consolidam-se vocalidades, materialidades e corporalidades num mapa com extensas margens simbólicas e fronteiras dialógicas no campo de uma produção artística imigratória. Um conjunto polifônico de escritores que, com especificidades individuais, coletivas e híbridas enformam uma Literatura de Campo. Manifestações arraigadas no magma colonial, nas *varedas* de entradas e bandeiras, que continuam e reinventam a cultura e a literatura numa região *sem-mar que em presença demigra* (SILVA JUNIOR; MARQUES, 2016, p.237).

No trabalho de desautomatização da leitura e da constante busca da sabedoria, essa poética do ensaio-fogo, ao deparar-se com a “lâmpada sobre o alqueire”, coleta lições de mal-estar e bem-estar na civilização e confronta o mundo moderno – decadente, sempre colonialista e autoritário. As cidades do período colonial tiveram de afirmar sua condição barroca para sobreviverem frente ao “modernismo”. Cora Coralina está justamente nessa fronteira. Sua poesia ascende justamente quando Goiás é “fraturado” pela fundação de uma capital nacional em seu território. A poetiza, fora de qualquer escola, precisou ser lida pelo poeta modernista Drummond para *existir*. Esse ícone, na velhice, fez o trabalho de colocar algumas figuras no cânone, dentre elas Adélia Prado e Cora Coralina. O poeta que “apagou” tantos com sua maestria, no fim da vida, dá-à-luz algumas vozes quase esquecidas.

A geopoesia deseja ser uma espécie de nova versão do “órganon da história”, conforme Willi Bolle aponta no seu estudo sobre Benjamin. Órganon que movimenta instrumentos de historiografia com elementos de *escritarias*. Escritas plenas de vocalidade que seguem etnoflanando entre seres das multidões, na solidão das bibliotecas, nas coleções de livros (encaixotadas, abandonadas, anotadas) e trechos de jornais recortados em *papéis de folha*. As nossas perambulações teóricas abordam necessidades urgentes do indivíduo, aspectos efêmeros do cotidiano e o entendimento da biblioteca como um objeto mental.

Uma vida *anotadora*, nesta conjuntura coaduanada pela crítica polifônica, arranja-se em vozes de poetas. Aproximamos Cora de poetas goianos/mineiros/brasiliários: José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta e Cassiano Nunes que nos deslocamentos vão fundando pontos de contato com a terra ceentrestina; também evocamos os prosadores das gentes e tropas migrantes, esses fazedores de campos gerais literários, a exemplo de Hugo de Carvalho Ramos, Bernardo Élis e José J. Veiga. Desafiando e aproximando do cânone, lembramos de Graciliano Ramos, Hermilo Borba Filho e Guimarães Rosa sempre buscando a palavra certa na língua errada do povo; também é possível pensá-la com dramaturgos e cineastas que fazem do Planalto Central espaço universal: Dulcina de Moraes, Vladimir Carvalho, Fernando Guimarães e Geraldo Lima. Além deles, cantores e versistas populares de nomes apagados pela histografia, cujas obras perpetuam-se nas entoações das festas populares de santos, estações e ações. Fazeres em verso, prosa, teatro, performance e canção que conferem vitalidade à expressão popular consciente de um Brasil ainda deveras inconsciente das vozes de seu centro-cerrado e que as propostas de trabalho certamente abarcarão e revelarão.

Quem foram elas?

Enfim, nosso trabalho busca a experiência na experiência das passagens para tomá-las como forças atuantes das eternas contradições entre esse barroco de herança colonial e essa modernidade que insiste em traços de *atraso e exploração do trabalho*. Decifrando imagens e sentimentos do mundo, Cora escrevia e reescrevia a história – passava a vida passando. Nas *Passagens do centroeste-norte*, um imenso livro de registros, faculta o conhecer-se a si mesmo, conhecer a cidade nela mesma, reconhecer a escrita como ato maior de conhecer o outro. O poema *Quem foi ela*, de Cora Coralina (1965), reúne justamente essa potencialidade da vida anotadora.

Antes de passarmos à análise propriamente dita do poema e aos movimentos de personagens femininas que ele abarca, é necessário destacar o processo e luta das mulheres goianas na história da publicação desse feminino que escreve:

Leodegária de Jesus, a primeira mulher a editar um livro de poemas em Goiás, escreveu duas obras: *Coroa de lyrios*, que veio a público [...] em 1906, quando contava com apenas 17 anos; e *Orchideas*, publicada em 1928, por volta de seus 39 anos. [...] Para se avaliar a importância de Leodegária de Jesus no estabelecimento de uma tradição literária entre nós, 22 anos depois, quando lançou o seu segundo livro, ainda era ela a única poetisa goiana a publicar obras. [...] somente em 1954 Regina Lacerda veio a publicar seu livro Pitanga. Em 1956, Cora Coralina publicou, na cidade de Goiás, um poema, misto de crônica (e não um livro ainda), com apenas duas folhas: “O cântico da volta”. Sua sacração como grande poetisa viria depois, e a primeira edição dos *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* só saiu em 1965, pela José Olympio. Se levamos em conta que aquela primeira publicação de Cora não era um livro, Yêda Schmaltz, com *Caminhos de mim*, de 1964, terá de ser considerada, com justiça, a terceira mulher a publicar livro de poemas em Goiás. Para uma tradição tão curta, devemos admitir que fomos muito longe (DENÓFRIO, 2001, p. 16-17).

A passagem de Darcy Denófrio mostra o movimento das escritoras circulando para publicarem em livro. Muito ainda continua guardado em gavetas e arquivos dessa intelectualidade feminina que circulou e que circula por *Goyaz*, Corumbá e Pirenópolis. Essas artistas publicaram em jornais, revistas e até em diários. Essa poesia sobrevive, então, na efemeridade das “folhas regionais” e cabe aos pesquisadores fazer essa escavação da história da geopoesia feita pelas mulheres centroestinas. Os primeiros textos de Coralina foram publicados no jornal “A Rosa”, fundado então, dentre outras por Leodegária de Jesus, em 1907.

Assim, as ferramentas da literatura de campo e da *etnoflânerie* fazem-se colecionadoras de becos barrocos e *ignorâncias borrosianas* (Manoel de Barros). Pás e lavras catadoras de ideias e semeadora de artes, acumuladora de efemeridades e de rastos. Abre-se, no ensaio, em sua fusão com a coleção, essa recuperação de olhares e instantâneos, relampejos e choques. Nesse poema-trespasse, que lembra “O cântico da volta”, por ser um misto de crônica e poema, encontramos o último capítulo de uma decomposição biográfica que continua sendo contada. Uma vez que a memória, na comunhão festiva e sepulcral da palavra, evoca a memória de uma passante, definir quem ela era no instante do enterro faz do verbo tanatografia:

QUEM FOI ELA?

Palavras ditas pela poetisa Cora Coralina
no sepultamento de Idalina da Cruz Marques,
em Goiás, em 11 de dezembro de 1965:

Morta... Morta parece ainda maior do que viva.
Morta parece ainda mais sábia do que o foi em vida porque penetrou no
grande e solene sentido da morte.
Tôda a sabedoria da vida que constituiu seu maior cabedal ao longo dos
anos aliou se agora ao profundo e insondável da morte.
“A lâmpada sobre o alqueire”...

(CORALINA, 1965; em todas as citações do poema será mantida a grafia original).

O título anuncia uma mulher que já passou. Palavras no *passamento* que prenunciam um último capítulo de decomposição biográfica. A “didascália” sepulcral traz o nome de “quem foi ela” e a data de sua morte. A data do sepultamento prenuncia um poema-necrológio e duplica sua força vocal ao ser publicado no periódico. A primeira palavra do poema-em-prosa, com sua forma determinada pela coluna (espaço) do jornal, organiza a poética tanatográfica: “Morta... Morta”. A repetição é pontual e gera no leitor uma memória do momento que foi enunciado. Morta, para quem esteve no enterro e ouviu a Senhora Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (nome de batismo de Cora) fazer a leitura do poema-necrológio, tem outras conotações; Mas a palavra para quem tem diante de si o jornal, com o escrito assinado *pseudonimicamente* por Cora Coralina, já incide no movimento tanatográfico de presentificar o trespassse.

Na segunda e terceira linhas-verso, a repetição altera-se, mas ecoa: Morta [...] e morte. [...] morte. O que essas palavras “emolduram” do conluio entre tanatografia e geopoesia é respectivamente a sabedoria e o cabedal da vivente homenageada. Na pobreza material de Idalina da Cruz Marques reside toda a sabedoria do feminino na cidade que deixou de ser capital para ser barroca. Nessa hidrografia de vida à margem do Rio Vermelho cruzam-se biografias arquetônicas da Boa Morte. A decomposição biográfica, entre vivos e mortos, metaforiza essa utilização poética da expressão “boa morte” (*bona mors*): a mulher que cuidou da igreja durante mais de cinquenta anos, no leito de morte, tem sua vida-boa, na Vila Boa, poetizada.

Nesse sentido, no palco do interior brasileiro, convidamos à cena uma artista e intelectual que se consolidou com um poetizar ativo. Versejar que se mostrou responsivo ao outro, capaz de cunhar “personagens” colhidos no trânsito dos vivos. Seus poemas foram (e são, na presentificação da leitura) alteridades múltiplas incessantemente despontadas dos povos cerradeiros e sertanejos. Numa *poética popular do cerrado* (SILVA JR; MEDEIROS, 2018) engendrando poéticas para a Terra (*Gaya; Geo*), o pluralismo linguístico reverbera em raízes e rizomas do ser-tão-cerrado. Raizamas de um país de culturas várias espalhadas por veredas, vales, vãos, planaltos, *altiplanos*, rios, quilombos, aldeias indígenas e espaços de *reexistência*, tais como assentamentos, igreja ligadas à terra, e organizações de minorias (que, economicamente, são maiorias). Conforme adverte Maria Zaira Turchi, esse literário não aceita uma delimitação precisa de fronteiras. É do movimento oscilatório que se configura a linguagem literária. Deste modo, em diversos níveis as linguagens são embebidas de uma

capacidade plural em que o literário se apresenta universalizado a partir de pequenos índices da cultura, que aparecem “prodigiosamente no arranjo dos diversos recursos literários e artísticos” (TURCHI, 2003, p. 95).

Ressalta-se a movimentação de vozes femininas ecoando em movimentações de forças biográficas. O poema articula a poética *coralina* com a imagem de Idalina da Cruz Marques, conhecida na Cidade de Goiás (antiga Vila Boa e anteriormente capital do estado de Goyaz). Papéis sociais importantes da cidade, não mais capital, cruzam-se nesse original – lido publicamente uma única vez e publicado uma única vez em uma página de jornal. Mas conjuga-se nesse texto o destino da Professora de “Primário” Terezinha Vieira Maia que manteve em seu arquivo pessoal o poema tanatográfico. O jornal, não identificado, mas de circulação em Goiânia nos idos de 1965 – ainda não teve a fonte identificada por nós –, mas o verso da folha apresenta a foto do então atual Prefeito da cidade Iris Rezende Machado e curiosamente o comentário sobre a primeira edição do livro de Bariani Ortêncio *Sertão sem fim* que estaria “praticamente esgotado”.

Nesse longo poema que abarca toda a extensão de uma folha do periódico temos o encontro entre a “Rua da ponte”, onde viveu Cora Coralina, “Rua do Carmo” e a “Rua do fogo” onde viveram Idalina Marques e Terezinha Vieira Maia (NIEMAR, 2019, p. 41). Numa urgência plena de cotidiano, o discurso da “Boa Morte” dissemina-se na dupla articulação polifônica do momento e do *memento*:

Quem foi ela?
Toda a cidade a conhecia sem precisar do seu nome.
Sua porta da rua e sua porta do meio se abriam pela manhã e ficavam de pedra encostada até as horas tardias do sono.
Não tinha medo do ladrão com sua ladroice nem do malfeitor com sua maldade, nem do louco com seus desatinos.
Não receiava do atrevido com sua insolência nem do bêbado com seus desvarios.
Sabia que nenhum mal entraria pela sua porta aberta porque não pensava na maldade.
Nenhuma outra casa da cidade era mais pobre e nenhuma era mais procurada.
Gente grande, gente pequena, da cidade e das roças. Gente recursada e gente pobrezinha, procurando ali as suas migalhas.
Gente que saiu de Goiás, que passou a vida inteira noutras terras e que volta um dia a rever parentes, matar saudades. Um rosário todo de recordações, de novas e velhas amizades e bemquerer.

(CORALINA, 1965).

Cora entoava seu *poema-memento-mori* para essa mulher ligada profundamente à cidade e à sua história. O índice da porta aberta faz da sua casa um ponto urbanístico tão importante quanto as Igrejas. Os tipos avultam, pois sabiam que naquela casa teriam pouso e “migalhas”. Os tipos do “mal”, o ladrão, o louco, o atrevido e o bêbado também seriam recebidos naquela casa. As gentes da cidade e da roça, gentes com recursos e pobrezinhos também tinham ali morada. E até mesmo “gente que saiu de Goiás, que passou a vida inteira noutras terras” – caso da poetiza que passou parte da sua vida fora da cidade barroca. O rosário da prática comunitária e da comunhão (*communitas*) torna-se um rosário de palavras entoadas por Cora. No poema, à beira do túmulo, estão ali as novas e velhas amizades do “bem-querer”.

Momento do trespasse e memento poético que conjugam memória viva e boa morte celebradas numa tanatografia em geopoesia ou numa geopoesia tanatográfica. Neste retrato específico irrompem paisagens da cidade com suas igrejas e águas, pedras chantadas e passantes:

A sua pobreza material nunca foi a pobreza estéril que reduz e aniquila.
A sua era a pobreza generosa, operosa e diligente e construtora. Pobre, ela ainda se repartia com outros mais carecedores, vencidos e desatendidos pelas dificuldades da vida.
[...]
Toda a cidade a conhecia sem precisar do seu nome.
Sua porta da rua e sua porta do meio se abriam pela manhã e ficavam de pedra encostada até as horas tardias do sono.

(CORALINA, 1965).

A pobreza multiplica-se na memória de um catolicismo popular e carnalizado. A boa morte é plena de vida posto que “generosa, operosa e diligente”. Esse reforço na imagem da pobreza de Idalina ressalta-se na leitura tumular. Sua riqueza era mesmo a presença, facultada pela porta aberta.

Além do próprio material impresso (em jornal) congrega-se o relato vivo (memória oral) de Terezinha Vieira Maia (arquivista do poema) que faculta detalhes encarnados da figura da biografada e da poeta *biografizante*. Da sabedoria enformada pelos fusos discursivos, pelas tramas formais, pelas linhas sociais que apresentam experiências de uma geopoesia *coralina*, na sustentabilidade da leveza de ser a “fonte segura das informações das velhas coisas, pessoas e costumes da cidade que vão se desgastando com a passagem do tempo” (CORALINA, 1965) se compõem em versos-prosa-necrológico.

Em 2019 esse poema, enfim, começa a percorrer seu caminho para o livro. Da voz de Cora Coralina para a página de jornal, da página folhetinesca para a obra. Do túmulo ao tomo a memória de Vodinha apelido, pseudônimo(?), de Idalina ganha novos contornos dessa decomposição biográfica:

QUEM FOI ELA?

“A lâmpada sobre o alqueire”
(verso dito por Cora Coralina no sepultamento de Idalina da Cruz Marques, em Goiás, em 11 de dezembro de 1965).

rua do carmo, n. 22
quem foi ela, quem foi aquela mulher?
tantos batizou, tantos batizara
tantos agregou, tantos criara
mulher mãe e madrinha: vodinha

cuidava da igreja da boa morte e das almas
cuidava do espírito santo e dos corpos
com água benta, comida paraquemviesse
pão, água fresca e café coado na hora

na sua pobreza não faltava nada

que foi ela? foi vodinha...
 pergunte à cora, ou à vó Terezinha
 vodinha – avó e madrinha

(NIEMAR, 2019, p. 41; a grafia permanece em letra minúscula em conformidade com estilística autoral).

Percorrendo grupos anônimos, colhendo expressões nas ruas da ponte e na rua do fogo, nas águas dos rios Vermelho e do rio Carioca, uma topografia memorialística apresenta-se da antiga capital goiana em *Poemas da rua do fogo*. A geopoesia desponta, então, como essa fonte segura das velhas coisas – que de tão longe vem ecoando. Pessoas que de tão longe foram migrando, foram *passando*. Os costumes que de tão humanos vão se poetizando em imagens simples e tão vitais, como o pão, a água fresca e o “café coado na hora”: “e quando, bate palma, ô de dentro,/ vai entrando em comunhão/ torrar moer deixar a água ferver/ na prosa do dia notícias do viver/ e o cheiro de café coado da cozinha/ correndo mundo na casa de ser” (NIEMAR, 2019, p. 12).

Se a vida se desgasta na passagem do tempo, por sua vez, nas passagens da geopoesia ela se encorpa, faz-se verbo, unge-se de comunhão: “entrar nas casas barrocas, enxergar através das janelas o olhar dessas mulheres” (NOGUEIRA, 2019) faculta ver com os [...] próprios olhos a força da procissão e o medo inocente da fúria injuta” que nem a boa morte pode livrar. Essa mulher que tantos viventes acolheu, além daquela porta aberta e cotidiana, além da sua incansável lida com as funções do espaço religiosos, também agregou pessoas para morar em sua humilde casa na “Rua do Carmo”. Amadrinhou e até mesmo adotou muitas crianças que fizeram a história da antiga Vila Boa. Seu retorno, em biografias entrecruzadas de vivos ressignifica a decomposição biográfica de Coralina e Idalina.

Conclusão

Os primeiros textos de Cora, publicados por volta de 1910-1911, atravessaram o século para que fossem conhecidos e reconhecidos. O que fazemos, nesse momento, é reunir auras de palavras-outras, etnocartografias da citação, álibis vitais-volitivos numa biblioteca infinita (de anotações). Da luxúria copista colhemos os itinerários de leituras anotadas, as fisionomias do efêmero, a curadoria dos aforismos que levaram ao poema *Quem foi ela*. Por metonímia, escolhemos esse poema-prosa para a enformação de uma memória do feminino deixada por Cora Coralina e que coincide com a ideia de responsabilidade e responsabilidade da geopoesia.

A partir da relação ética e estética da palavra-outra e sentidos coletados na experiência da *etnoflânerie* pelo Cerrado, aproximamos as marcas dessa autora à vida cotidiana de uma pessoa (personagem) pública. Vodinha atravessou a existência pelos becos e igrejas de Goiás e, nesse movimento da atividade volitivo-emocional inacabada é que se constitui a tanatografia em moto-contínuo. A escrita de morte é uma forma de sobrevivência em tempos de extremos, e evocamos o poema-necrológico da *flâneuse* Cora Coralina para mapear uma dinâmica tanatográfica do descenso.

Nesta perspectiva, ao apresentarmos o poema-necrológico *Quem foi ela?*, de Cora Coralina (1965), percorremos ruas e becos da Cidade de Goiás (antiga Vila Boa/Goyaz), numa geopoesia profunda em que uma espécie de mulher das multidões segue uma outra

mulher que “se deixou ler” a vida inteira. Nos poemas de Cora Coralina encontramos a *flâneuse* em trânsitos de uma memória barroca e moderna, no cânone e no limbo (de uma folha de jornal).

Sendo assim, cada trecho lido e copiado de *Quem foi ela* desdobrou-se em arquitetura discursiva e superposição de detalhes com imagens prenhes de palavras e de atualidade viva (nos idos de 1965, nos dias atuais). As passagens das *passagens coralinas* congregam personagens e imagens inesgotáveis. Esse é um dos principais atos daqueles que praticam a literatura de campo – em sua projeção teórica e prática da geopoesia.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. 6. ed. Tradução Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **De tão longe eu venho vindo**: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: EdUFG, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993.

CORALINA, Cora. **Quem foi ela?** Jornal Impresso (s. ref.), 12 de dezembro de 1965.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Global, 1985.

DENÓFRIO, Darcy França (org.). **Lavra dos Goiasés III**: Leodegária de Jesus. Goiânia: Cânone Editorial, 2001.

MEDEIROS, Ana; GANDARA, Lemuel et al (orgs.). **Os parceiros de Águas Lindas**: ensino de literatura pelas letras de Goiás. Goiânia: Pé de Letras, 2018.

NIEMAR, A. **Poemas da rua do fogo**. Brasília: Avá, 2019.

SILVA JR, Augusto Rodrigues. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. **Cerrados** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB). V. 22, n. 35, 2013. p. 7-10. Disponível em: http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2. Acesso em: 06 jun. 2020.

SILVA JR, A.R. MARQUES, G. C. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. **ECOS** – Estudos Contemporâneos da Subjetividade. Vol. 5. n. 2, p. 232-248, 2016. Disponível em: <http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/viewFile/1699/1209>. Acesso em: 06 jun. 2020.

SILVA JR, A. R.; A. C. M. MEDEIROS. José Godoy Garcia e a poética preta-e-branca: imagens cotidianas de um realismo afro-goiano. **Guavira Letras** – Revista do programa de mestrado e doutorado em Letras da UFMS/Três Lagoas. n. 18, jan.-jul. 2014. p. 53-69. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/52/37>. Acesso em: 06 jun. de 2020.

SILVA JR, A. R.; José Godoy Garcia e a poética popular do cerrado: literatura de campo e história do centro-oeste. **Revista Nós: cultura, estética e linguagens**, vol. 3, n. 1, 2018, p. 93-105. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistanos/article/view/7938>. Acesso em: 12 jun. de 2020.

SOUZA, RONALDES. **A geopoética de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

TURCHI, M. Zaira. As fronteiras do conto de José J. Veiga. **Ciências e Letras**. n. 34. Porto Alegre, jul/dezembro, 2003, p. 93-104. Disponível em: <http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista34/art08> . Acesso em: 12 abr. 2017.

TURCHI, M. Zaira. **Literatura e Antropologia do imaginário**. Brasília: Editora UnB, 2013.

TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2008.